

CONVITE AO DIÁLOGO

BENALVA DA SILVA VITORIO*

RESUMO

A iniciativa para escrever este ensaio surgiu do resultado de trabalho de campo realizado com alunos da graduação dos cursos de Relações Internacionais e Enfermagem, da Universidade Católica de Santos, como parte do componente curricular Sociologia, no primeiro semestre letivo de 2019. Contrária à proibição do celular na sala de aula, procurei levá-los à reflexão sobre a postura de quem prefere a companhia virtual em detrimento da real. Para tanto, escrevi o projeto “Comunicação virtual e relacionamentos humanos”, orientando esses alunos a proceder à observação participante e entrevista como técnica para o desenvolvimento da pesquisa, em diferentes espaços públicos, tendo como foco usuários de celular. No resultado dessa atividade, registrado tanto no relatório quanto no seminário de pesquisa, compreendi a importância que os alunos atribuíram ao diálogo, por meio da convivência e interação humana, contemplando a relação off-line para ampliar a cooperação e a solidariedade no mundo contemporâneo. Assim, neste ensaio procedo à reflexão sobre o relacionamento virtual, on-line, convidando o leitor ao diálogo.

PALAVRAS-CHAVE

web, relacionamento virtual, diálogo, laços humanos.

O acesso à web se revelou não uma busca de maior clareza, de horizontes mais amplos, de conhecimento sobre concepções e estilos de vida que eram ignorados, com o fim de instaurar aquele diálogo que o “habitat democrático ideal” exige (BAUMAN, 2018, p. 69).

Com base em pesquisas sociológicas a esse respeito, o intelectual polonês considerou que a maioria dos internautas é atraída não pela oportunidade de *acesso*, mas pela *saída*. E explicou a sua concepção, aos 91 anos, pouco antes de falecer, no diálogo com Thomas Leoncini, jornalista e escritor italiano. A diferença de idade entre eles era de sessenta anos.

Essa segunda oportunidade [*saída*] se revelou até agora mais aliciante; é amplamente usada mais para construir um refúgio que para derrubar paredes e abrir janelas; para recortar uma zona de conforto toda para si, longe da confusão do caótico e desordenado mundo da vida

* Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Sociedade Visconde de São Leopoldo, Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, PhD pela Universidade de Coimbra e Universidade Aberta de Lisboa, Portugal. Professora da Universidade Católica de Santos, onde ministra disciplinas em cursos de graduação. Coordena e ministra disciplina no Curso de Extensão para a Terceira Idade da UniSantos. Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania da UniSantos. Colaboradora em atividade de pesquisa e avaliação no Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Universidade Católica Portuguesa, credenciada na Fundação para a Ciência e a Tecnologia, órgão do Ministério da Educação e Ciência de Portugal.

e dos desafios que ele apresenta ao intelecto e à tranquilidade de espírito; para prevenir a necessidade de dialogar com pessoas potencialmente irritantes e estressantes, na medida em que têm opiniões diferentes das nossas e difíceis de compreender e, por conseguinte, a necessidade de nos envolvermos num debate e correremos o risco de sair derrotados (BAUMAN, LEONCINI, 2018, pp. 69-70).

No mundo globalizado, o avanço da tecnologia aproxima e afasta as pessoas na tessitura de relacionamentos por meio das redes sociais. Muitas vezes sem saber quem é o Outro, o Diferente, as pessoas, principalmente os jovens, trocam informações rápidas nos meios digitais a respeito de variados assuntos, colecionando “seguidores”. Opinem, respondem, propõem, sem aprofundamento de causa e até mesmo sem conhecer devidamente o que discutem. Elegem ídolos, destroem identidades, na ilusão de que estão protegidos na “comunidade de semelhança”, como Bauman (2004, p. 134) explica a mixofobia¹, como “impulso que conduz a ilhas de semelhança e mesmice em meio a um oceano de variedade e diferença”. Em sua concepção, a atração exercida por essa comunidade está “na segurança contra os riscos de que está repleta a vida cotidiana num mundo polifônico”. Contudo, considera que o abrigo nessa comunidade “não reduz os riscos, muito menos os afasta”, representa apenas paliativo para a segurança de quem teme aprender e preservar a arte da convivência com a diferença.

O ambiente escolar, em todos os níveis de ensino, da creche à universidade, representa oportunidade para que crianças, jovens e adultos aprendam a arte da convivência, tanto em sala de aula quanto nos espaços comuns do cotidiano. Para tanto, devem participar fisicamente de atividades reais em comunidades onde possam conviver com a diferença, confrontando face a face com o Outro. Nesse sentido, as instituições de ensino, como espaço de produção do conhecimento, devem incentivar a aprendizagem da arte de conviver e partilhar em relação à alteridade, evitando o perigo apontado por Bauman (2004, pp. 134-135).

Quanto mais as pessoas permanecem num ambiente uniforme, na companhia de outras “como elas”, com as quais podem “socializar-se” de modo superficial e prosaico, sem o risco de serem mal compreendidas nem a irritante necessidade de tradução entre diferentes universos de significações, mais se tornam propensas a “desaprender” a arte de negociar um *modus convivendi* e significados compartilhados.

Sendo assim, a educação presencial proporciona ao sujeito a oportunidade de socialização na convivência com o Outro, o Diferente, respeitando os direitos humanos. Embora seja criticada, a definição de educação formulada por Durkheim (1965) compreende o ato de socialização.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver, nas crianças, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina.

Não só as crianças, mas também jovens e adultos, por meio da educação, desenvolvem e aperfeiçoam esses “estados” para a convivência harmoniosa na sociedade. Contudo, a socialização dá-se na contemporaneidade cada vez mais cedo por meio digital. Se, na década de 90 do Século XX, as crianças substituíram as brincadeiras uns com os outros pelo isolamento diante da tela da televisão, atualmente continuam isoladas, mas deslizam os dedinhos hábeis na tela do celular a procura de desenhos animados e outros produtos infantis. Assim,

aumenta a chamada geração alfa, que representa as crianças nascidas a partir de 2010 e que são 100% digital².

Na sociedade digital, “líquida” e fugaz, o celular representa a babá eletrônica, pois cada vez mais os pais recorrem a esse aparelho para distrair as crianças, conter o choro e a birra, até mesmo para que aceitem a alimentação, enquanto clicam o aparelho na palma das mãos. Portanto, as crianças crescem familiarizadas com o celular. Nesse caso, os especialistas recomendam cuidado com o excesso, aconselhando que a criança fique no máximo duas horas por dia em frente à tela. O desafio, portanto, é saber usar a tecnologia na dose certa.

Assim, não é de se estranhar que as redes sociais geram substituto à comunidade, como Bauman explicou a Querol (2016). Na entrevista concedida ao jornalista espanhol, o sociólogo polonês considerou a diferença entre redes sociais e comunidade porque “o sujeito pertence à comunidade, mas a rede pertence ao sujeito”. Dessa forma, justificou a possibilidade nas redes de adicionar e excluir amigos, bem como controlar as pessoas com quem se relaciona sem recorrer às habilidades sociais, para as quais é preciso ter uma “interação razoável” e “enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo”.

A esse respeito, Bauman citou como exemplo o Papa Francisco, que ao ser eleito deu a primeira entrevista a Eugenio Scalfari, jornalista italiano e ateu assumido. Considerou o gesto do Papa como “um sinal”, porque “o diálogo real não é falar com gente que pensa igual a você”. Se, por um lado, Bauman tenha reconhecido a utilidade das redes sociais, porque “oferecem serviços muito prazerosos”; por outro lado, atribuiu às mesmas o perigo de “uma armadilha”, justificando a sua posição.

As redes sociais não ensinam a dialogar porque é muito fácil evitar a controvérsia... Muita gente as usa não para unir, não para ampliar seus horizontes, mas ao contrário, para se fechar no que eu chamo de zonas de conforto, onde o único som que escuta é o eco de sua própria voz, onde o único que vê é o reflexo de sua própria cara.

Reconheço que, apesar dos quase trinta anos de docência no ensino superior, ainda tenho dificuldades para lidar com as novas tecnologias inseridas no processo educativo. Pertencço à geração do processo de ensino face a face, em que a comunicação a distância era realizada por meio de cartas. Guardo até hoje as correspondências que trocava semanalmente com minha família e amigos no Brasil, quando morei no exterior, nas décadas de 70 e 80 do século passado. Cartas escritas a mão ou na minha *Olivetti*³. Naquele período, construí amizades sólidas no estrangeiro e muitas delas eu preservo até o momento. Essa construção consistiu em “derrubar paredes e abrir janelas” (BAUMAN, 2018, p. 69) para conhecer outras culturas e enfrentar os desafios de conviver com o Outro, o Diferente, com base no diálogo.

Aprendi com essa prática que dialogar é encontrar o outro por meio da palavra, olho no olho, com entrega e respeito às diferenças. Acredito que esse é o caminho para o bom relacionamento com “troca de argumentações e objeções”, permitindo “a cada um escapar da particularidade de sua opinião e ascender ao saber”, percorrendo o “caminho da razão”, que é “libertador”, como preconiza Leite (2019, s. p.), explicando que, ao refutar a opinião do outro, criam-se condições para estimular e exercer tanto o controle quanto o incentivo para o pensamento e para a reflexão. Dessa forma, há condições para o diálogo, que enriquece e corrige o pensamento.

Contudo, para que o diálogo alcance esse patamar há determinadas regras que os interlocutores se comprometem a respeitar, entre as quais destaco o direito à palavra e o dever à escuta no processo de comunicação, como esclarece Freire (1996, p. 117).

De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém procure *entrar* no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com *comunicar* e não fazer puros *comunicados*, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação.

Com base nessa concepção, procuro estabelecer a exposição dialogada como metodologia nas disciplinas que ministro, procurando assumir “o dever de motivar, de desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, *responda*”, em consonância com as práticas sugeridas por Freire para apreensão, compreensão e apropriação do saber, tanto por parte do discente quanto do docente. Assim, como educadora, procuro evitar a “postura autoritária” e desenvolver espaço democrático em sala de aula.

Intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. Para ele, quem escuta sequer tem tempo próprio, pois o tempo de quem escuta é o seu, o tempo de sua fala. Sua fala, por isso mesmo, se dá num espaço *silenciado* e não num espaço *com* ou *em* silêncio. Ao contrário, o espaço do educador democrático, que aprende a falar escutando, é *cortado* pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, *silencioso*, e não *silenciado*, fala (FREIRE, 1996, p. 117).

Contudo, como educadora, reconheço que, atualmente, não é fácil desenvolver essa prática com os alunos da graduação, pertencentes à geração que dedica seu tempo, até mesmo em sala de aula, em “tecer redes” e “surfear nelas”, conectados no que promete “navegação segura (ou pelo menos não-fatal) por entre os recifes da solidão e do compromisso do flagelo da exclusão e dos férreos grilhões dos vínculos demasiadamente estreitos, de um desprendimento irreparável e de uma irrevogável vinculação” (BAUMAN, 2004, pp. 51-52).

Como profissional, inicialmente desenvolvi a arte do diálogo, conjugando fala e escuta na atividade jornalística, tanto no Brasil quanto no exterior. Depois, encontrei outro apoio importante para promover o diálogo, trabalhando com os alunos da terceira idade⁴, “instaurando entre os interlocutores uma comunidade de pensamento”, como disse Leite (2019, s. p.). Embora os idosos também sejam usuários dos recursos da Internet, eles respeitam o tempo de ouvir e de falar na sala de aula, onde desligam o celular, prestam atenção ao conteúdo apresentado, formulando perguntas e questionando afirmações do professor, exigem silêncio quando se instauram conversas paralelas entre os colegas, atrapalhando a exposição docente, compreendendo o silêncio como de fundamental importância para que o diálogo seja frutífero.

Sobre essa forma de silêncio, lembro-me de outra lição que aprendi, em Moçambique, ao contemplar, no sentido de pensar, o diálogo entre interlocutores. Como um ritual, o diálogo era intercalado pelo silêncio como pausa para refletir sobre o que ouviu e se preparar à retomada da palavra. Nesse sentido, Vicentin (2019, s. p), especialista em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano pela Universidade de São Paulo (USP), considera que “refletir é a melhor forma que o ser humano dispõe para reorganizar seus conhecimentos e entender as próprias emoções”. Concordo com a autora de que “essa ação, por enquanto, a tecnologia ainda não conseguiu substituir”.

Por maior que sejam os recursos tecnológicos para a interação entre as pessoas, não se comparam à experiência de ouvir diretamente o outro de forma mais completa, “observar para além dos juízos de valor que normalmente se antepõe à realidade, respeitar, trocar,

promover silêncios mais significativos com consciência maior do que realmente se quer expressar” (BASSOLI, 2019, s. p.).

No diálogo, importante observar tanto o sentido das palavras quanto o do silêncio, pois entre eles há relação, sem que sejam complementares. Ao explicar essa relação, Orlandi (1995, p. 25) considera o seguinte.

A palavra imprime-se no contínuo significante do silêncio e ela o marca, o segmenta e o distingue em sentidos discretos, constituindo um tempo (*tempus*) no movimento contínuo (*aeuum*) dos sentidos no silêncio. Podemos enfim dizer que há um ritmo no significar que supõe movimento entre silêncio e linguagem.

Observo, entre alunos da graduação, que em sala de aula o silêncio tem outro sentido, ou seja, mergulho em outra dimensão, a dos relacionamentos em redes. Por meio do celular conversam no circuito de entrar e sair, pertencendo ao “fluxo constante de palavras e sentenças inconclusas (abreviadas, truncadas para acelerar a circulação)”. Julgam pertencer “à conversa, não àquilo sobre o que se conversa” (BAUMAN, 2004, p. 52).

Ao interromper esses alunos mergulhados na rede e formular aos mesmos uma questão relativa ao conteúdo programático que explico, alguns continuam em silêncio e no olhar revelam que não estavam a prestar atenção à aula; outros, com o fone no ouvido, sequer tiram os olhos da tela do celular. Simplesmente, me ignoram. Sinto, assim, a sensação dos “riscos e ansiedade de se viver junto e separado”, como Bauman (2004, p. 13) caracterizou “nosso líquido mundo moderno”. Por um lado, “os riscos” que o aluno corre por não aproveitar devidamente as aulas para a sua formação profissional; por outro lado, a minha “ansiedade” para que ele participe da exposição dialogada que procuro desenvolver como docente.

Acredito que essa situação acontece em muitas salas de aula e que a saída para esse dilema está na concepção de Arendt (2008, pp. 24-25) de que a “abertura aos outros” representa “a preocupação da ‘humanidade’ em qualquer sentido dessa palavra”. Segundo a filósofa alemã, “o diálogo verdadeiramente humano difere da mera conversa ou até da discussão por ser totalmente permeado pelo prazer com a outra pessoa e com o que ela diz”. Prazer que é possível experimentar com alunos que participam do diálogo, durante e após as aulas, até mesmo depois que terminam o curso. Entre esses meus ex-alunos estão os que foram para a Pós-Graduação, sendo que um deles atualmente é professor universitário em Portugal⁵.

Mas, os relacionamentos em redes não se restringem apenas aos alunos. As instituições de ensino também substituem os relacionamentos humanos por comunicação virtual, trocando o ensino presencial por Ensino a Distância, EaD. Contudo, acredito que o prazer do diálogo frente a frente, olhos nos olhos, compreendendo o sentido das palavras, dos gestos e dos silêncios, pressupostos no ensino presencial, não é possível na modalidade EaD. Por maiores que sejam os recursos nessa modalidade, humano e tecnológico, pressuponho que nela se perde a arte das relações sociais e da amizade, dos laços humanos e comunidade real, artes que se estabelecem naturalmente no ensino presencial.

A fim de constatar essa premissa, procurei relacionar o conteúdo teórico com atividade prática no componente curricular Sociologia, ministrado na modalidade presencial, no primeiro semestre de 2019. Assim, apresentei aos alunos dos cursos de graduação Enfermagem e Relações Internacionais a proposta para desenvolver o projeto de pesquisa “Comunicação virtual e relacionamentos humanos”, que produzi com a finalidade de compreender a motivação das pessoas de estar conectadas às redes sociais, por meio do celular, em detrimento do contato direto uns com os outros.

Divididos em grupo, cada um com um coordenador, os alunos foram a campo para observar os usuários de celular no espaço público, o grau de concentração na comunicação virtual, a atenção e o relacionamento com as pessoas ao seu redor. Com base nos dados recolhidos, os discentes realizaram entrevista com usuários de celular, de diferentes faixas etárias, grau de escolaridade e atividade profissional.

O resultado do trabalho surpreendeu-me em dois sentidos: o envolvimento prazeroso dos alunos na realização da pesquisa e a relação satisfatória que estabeleceram com o conteúdo teórico desenvolvido nas aulas. Além do rigor metodológico nos relatórios, os grupos apresentaram criatividade nos seminários, despertando a atenção dos colegas, que participaram ativamente com perguntas e observações pertinentes aos assuntos abordados, referentes à pesquisa.

Acredito que esse resultado decorre da estratégia docente de privilegiar o diálogo no seu trabalho, considerando os saberes do aluno, procurando relacionar a teoria à prática, à realidade social em diferentes contextos. Assim, conseguirá vencer o que Martin-Barbero (2004, pp. 353-354) considera ser “os desafios culturais da tecnicidade”.

[...] potencializar a figura e o *ofício do educador*, que de mero retransmissor de saberes deverá converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências, e memória viva de uma educação que, em lugar de aferrar-se ao passado, destaca e possibilita o diálogo [meu grifo] entre culturas e gerações.

Embora eu não tenha domínio suficiente das novas tecnologias da comunicação, reconheço ser impossível ignorar a sua influência na contemporaneidade, principalmente o celular. O uso devido desse aparelho depende da orientação, a partir da família, estendendo às instituições de ensino. Como observaram os alunos, no decorrer da referida pesquisa de campo, o celular isola quem está próximo: no transporte público, no restaurante, nas ruas e avenidas. Na crítica que teceram às pessoas que, com os olhos no celular, ignoram a presença do Outro ao seu lado e mergulham no mundo virtual, muitos alunos reconheceram que fazem o mesmo, até mesmo em sala de aula.

Sou contrária à proibição do porte de celular pelos estudantes na sala de aula. A questão, no meu entender, é como eles devem se comportar com esse aparelho. Para tanto, os educadores podem transformar esse instrumento tecnológico em recurso didático. Nesse sentido, o ex-governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin, alterou a Lei nº 12.739, de 01 de novembro de 2017, que proíbe o uso de telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário de aula, ao promulgar a Lei nº 16.567, de 06 de novembro de 2017, que passou a vigorar com a seguinte redação, no seu Artigo 1º.

Ficam os alunos proibidos de utilizar telefone celular nos estabelecimentos de ensino do Estado, durante o horário das aulas, ressalvando o uso para finalidades pedagógicas.

Contudo, nem todos os professores estão aptos para proceder ao uso didático do celular e nem todos os alunos compreendem e aceitam a necessidade de estabelecer linha de manuseio ético desse aparelho em sala de aula. Entre as palavras que circularam na sala de aula, proferidas pelos alunos que realizaram o referido seminário de pesquisa, construí o sentido de que a instituição de ensino, em todos os níveis, proporciona ao sujeito a oportunidade de socialização como processo educativo, na convivência com o Outro, o Diferente. Lembrei-me, então, da metáfora construída por Baccega (1995, p. 6), colocando as palavras em um baile.

As palavras têm vida. Vestem-se de significados. Mascaram-se. Contagiam-se com as outras palavras próximas. “Dançam conforme a música”, tocada no salão de baile onde estão. O salão é o discurso e é aí que elas cristalizam momentaneamente uma de suas máscaras.

Uma das “máscaras” que as palavras dos alunos vestiram na sala de aula transformada em “salão de baile” foi, no meu entender, crítica implícita ao ensino a distância, no qual, segundo os discentes, não teriam a oportunidade de realizar essa pesquisa no componente curricular Sociologia, ciência que estuda, analisa e compreende o homem em suas relações, dialogando uns com os outros, como donos de sua voz, apropriando criticamente os discursos.

Como proposta ao diálogo, Bohm, Factor e Garrett (2019, s. p.) consideram que o mesmo

[...] representa oportunidade para participar do processo que evidencia sucessos e falhas na comunicação, revelando os padrões de incoerência, muitas vezes desconcertantes, que levam o grupo a evitar questões ou, por outro lado, insistir de modo irracional na defesa de determinadas opiniões quanto a certos assuntos.

Ao colocar minhas palavras no “salão de baile”, ou seja, no discurso que concebi para refletir sobre o diálogo, espero que outras palavras ganhem vida e participem da “dança” com diferentes “máscaras”. Assim, com as palavras em movimento há garantia da construção de sentido sobre esse meu percurso discursivo. Acredito na capacidade humana de se relacionar, sabendo com quem fala e diante do interlocutor, na verdadeira interação que promove solidariedade e desenvolve a cidadania, sendo possível analisar e até resolver as crises existenciais e sociais que a humanidade enfrenta atualmente.

Sem conclusão e ponto final no que foi exposto, deixo aqui a possibilidade do futuro discursivo, convidando o leitor ao diálogo.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, 2008.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Palavra e Discurso: Literatura e História*. São Paulo/SP: Ática, 1995.
- BASSOLI, Arnaldo. Sobre o Diálogo. *Escola de Diálogo de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.escoladedialogo.com.br/dialogo.asp?id=2>>. São Paulo, Brasil. Acesso em 27 jul. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2004.
- BAUMAN, Zygmunt; LEONCINI, Thomas. *Nascidos em tempos líquidos: transformações no terceiro milênio*. Tradução Joana Angélica D’Ávila Melo. 1. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.
- BOHM, David; FACTOR, Donald; GARRETT, Peter. *Diálogo – uma proposta*. Tradução de Arnaldo Bassoli. Disponível em: <http://www.escoladedialogo.com.br/dialogo.asp/?id=2>. São Paulo, Brasil. Acesso em 01 ago. 2019.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1965,
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEITE, Gisele. *O que vem a ser o diálogo*. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br>>. Acesso em 25 jul. 2019.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

QUEROL, Ricardo. Zygmund Bauman: as redes sociais são uma armadilha. *El País*, Madri / Espanha, 09 jan. 2016.

VICENTIN, Vanessa. In: MOÇO, Anderson. *Os jovens e a tecnologia*. 01 out. 2012. Disponível em: <<https://www.novaescola.org.br>>. Acesso em 24 jul. 2019.

NOTAS

- ¹ Bauman (2004, p. 133) explica a mixofobia como “uma reação altamente previsível e difundida entre os diversos tipos humanos e estilos de vida, capazes de confundir a mente, provocar calafrios e colapsos nervosos, de que estão repletas as ruas das cidades contemporâneas”.
- ² Raramente se vê hoje crianças que brincam no espaço público e poucas conhecem os brinquedos da minha infância: pular corda, pular amarelinha, esconde-esconde e outros atrativos infantis de interação e socialização.
- ³ Guardo até hoje a minha máquina de escrever *Olivetti*, com a qual escrevi meus textos nos curso de Jornalismo (no Brasil) e de Ciências Sociais e Política (em Portugal), além de meus artigos para o semanário *Expresso*, de Lisboa, nas décadas de 60 e 70 do Século XX.
- ⁴ Além de coordenar o Curso de Extensão para a Terceira Idade, na Universidade Católica de Santos, ministro disciplinas da área de Comunicação Social aos alunos desse curso.
- ⁵ Trata-se do Prof. Dr. José Gabriel Andrade, que foi meu aluno no curso de graduação de Jornalismo, na UniSantos. Depois de formado, com meu apoio fez o Mestrado na Universidade Católica Portuguesa, em seguida o Doutorado na mesma Instituição de Ensino Superior. Como docente em Braga / Portugal, ele faz parte do Grupo de Pesquisa Comunicação e Cidadania, que coordeno na UniSantos.

ABSTRACT

The initiative to write this essay arose from the result of a fieldwork with undergraduate students of the International Relations and Nursing courses at the Catholic University of Santos, as part of the Sociology curriculum component in the first semester of 2019. Contrary to the prohibition of mobile phone in the classroom, I tried to lead them to reflect on the attitude of those who prefer virtual relationships over real relationships. To this end, I wrote the project “Virtual Communication and Human Relationships”, guiding these students to make participant observation and interview as a technique for the development of research, in different public spaces, focusing on mobile phone users. As a result of this activity, recorded in both the report and the research seminar, I understood the importance that students attributed to dialogue, through coexistence and human interaction, contemplating the offline relationship to expand cooperation and solidarity in the contemporary world. Thus, in this essay I reflect on the online virtual relationship, inviting the reader to dialogue.

KEYWORDS

web, virtual relationship, dialogue, human relationship